

## Um ensaio entre o Mito de Sísifo e o TOC

O Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC) caracteriza-se por ideias obsessivas (pensamentos, representações ou impulsos) que se intrometem na consciência do indivíduo de modo repetitivo e perturbador. Na tentativa de repelir essas representações mentais, o indivíduo adota comportamentos compulsivos de modo recorrente. (CID-10, 2008)

As ações realizadas na tentativa de libertar-se dos pensamentos obsessivos não ocorrem de modo aleatório, apresentando um determinado tipo de padrão e/ou regra que se configuram como rituais a serem seguidos enquanto algo necessário para o alívio da ansiedade.

Para alguns indivíduos acometidos por este transtorno, há um grande temor e a crença de que algo terrível pode acontecer, se o ritual não for realizado. Muitas vezes, o temor persiste frente à dificuldade de se realizar o mesmo ritual exatamente como se almeja.

É comum que o portador deste transtorno esteja consciente dos rituais que realiza para neutralizar os pensamentos intrusivos perturbadores, considerando-os inadequados ou até mesmo absurdos, sem conseguir deixar de praticá-los. É como se alguém buscasse beber água do mar para saciar a sede e em vez de se sentir saciado, a sede aumentasse.

Isso acontece, pois a simples compreensão consciente não é suficiente para impedir as representações ou impulsos que atormentam o indivíduo de modo recorrente. Desse modo, Jung propôs a existência de complexos autônomos<sup>1</sup>, que atuam na psique independente da vontade e compreensão racional do indivíduo, influenciando-o e interferindo em suas ações.

É através da análise dos processos inconscientes que se deve buscar a compreensão para o TOC, pois quando um complexo é ativado com intensidade energética elevada, ele influencia de forma direta e negativa o funcionamento da psique do indivíduo, não sendo possível neutralizar ou conter sua ação.

Como proposta terapêutica, é preciso dar sentido ao que não pode ser alcançado pelo mundo consciente através de uma linguagem atemporal e simbólica tais como as narrativas mitológicas.

---

<sup>1</sup> Os complexos, na acepção junguiana, correspondem a agrupamentos de imagens e ideias de natureza inconsciente que possuem tonalidade emocional comum em torno de um núcleo arquetípico.

Assim, apresento o Mito de Sísifo tendo em vista propiciar analogias com o TOC em seus aspectos simbólicos inconscientes. Neste Mito, Sísifo é considerado um rei astuto e audacioso que, por enganar os deuses, é severamente punido:

Quando Zeus raptou Egina, filha do rio Asopo, foi visto por Sísifo, que, em troca de uma fonte concedida pelo deus-rio, contou-lhe que o raptor da filha fora Zeus. Este, imediatamente, enviou-lhe Tânatos, mas o astuto Sísifo enleou-o de tal maneira, que conseguiu encadeá-lo. Como não morresse mais ninguém, e o rico e sombrio reino de Hades estivesse se empobrecendo, Zeus interveio e libertou Tânatos, cuja primeira vítima foi Sísifo. O astucioso rei de Corinto, no entanto, antes de morrer, pediu à mulher que não lhe prestasse as devidas honras fúnebres. Chegando ao Hades sem o "revestimento" habitual, isto é, sem ser um *eídolon*, Plutão perguntou-lhe o motivo de tamanho sacrilégio. Sísifo mentirosamente culpou a esposa de impiedade e, à força de súplicas, conseguiu permissão para voltar rapidamente à terra, a fim de castigar severamente a companheira.

Uma vez em seu reino, o rei de Corinto não mais se preocupou em cumprir a palavra empenhada com Plutão e deixou-se ficar, vivendo até avançada idade. Um dia, porém, Tânatos veio buscá-lo em definitivo e os deuses o castigaram impietosamente, condenando-o a rolar um bloco de pedra montanha acima. Mal chegado ao cume, o bloco rola montanha abaixo, puxado por seu próprio peso. Sísifo recomeça a tarefa, que há de durar para sempre. (BRANDÃO, 1996, p.226)

Na primeira parte do mito, encontramos Sísifo que engana Zeus em busca de uma fonte de água e consegue aprisionar Tânatos por um período em que permanece rei de Corinto até "avançada idade." Essa artimanha inicial realizada por Sísifo não lhe impede de ser punido posteriormente a repetir sempre a mesma tarefa de empurrar uma pedra até o topo de uma montanha. Mas, toda vez que estava quase alcançando o topo, a pedra rolava novamente montanha abaixo até o ponto de partida por meio de uma força irresistível, invalidando completamente o duro esforço despendido. E assim Sísifo começava tudo de novo, repetindo sempre a mesma ação e do mesmo modo, sem que a sua tarefa chegasse ao fim.

A condição de Sísifo pode ser comparada a pessoa com TOC que também se sente condenada a realizar um trabalho exaustivo, repetitivo sem conseguir libertar-se.

Segundo Brandão (1996, p. 226), Tânatos é a divindade que "introduz as almas nos mundos desconhecidos das trevas do inferno ou nas luzes do paraíso". É a personificação da morte, onde não há domínio, nem se pode fugir. Portanto, as artimanhas de Sísifo não o impedem de ser capturado por Tânatos no mundo subterrâneo, desconhecido (ou inconsciente). Ele recebe a punição de realizar uma

tarefa sem sentido, repetidas vezes, mesmo sabendo que não se liberta do problema. Não obstante reconheça a falta de sentido, continua executando a tarefa.

No mito, não há espaço para a redenção de Sísifo. Ele não possui apoio para carregar a pedra, nem encontra alternativas para libertar-se da tarefa que realiza ainda que desagradável e absurda. Não é, portanto, possível recorrer à punição imposta por Zeus.

É possível que a culpabilização de Sísifo o faça acatar a pena imposta sem possibilidade de remissão e questionamento a Zeus.

Conta o mito, que Sísifo é inicialmente capturado no mundo subterrâneo de Hades sem o “revestimento habitual”, onde consegue libertar-se por um período de tempo, sendo obrigado a retornar posteriormente, de onde não consegue mais sair.

Quando o ego se depara com conteúdos inconscientes perturbadores, surgem mecanismos de autodefesa, mas insuficientes para impedir a ação inconsciente no decorrer do tempo. Por esta razão, o contato com o mundo subterrâneo, inconsciente trazido por Tânatos deve ser realizado através de um “*revestimento habitual*”, isto é, com a proteção necessária para estar em contato com o que pode ser considerado desconhecido ou mesmo ameaçador pelo ego.

Do contrário, o indivíduo aturde-se e passa ser governado pelas representações que lhe afetam de modo persistente, podendo esquivar-se e até fugir provisoriamente, sem conseguir o impedimento de modo definitivo. No hospital em Burgholzi, Jung observou que os movimentos repetitivos realizados por uma paciente correspondiam a uma vivência afetiva, pois ela...

Fazia uns movimentos de fricção estranhos com as mãos que, ao cabo de alguns anos, geraram enormes calosidades na superfície áspera das mãos. O polegar e o indicador da mão direita eram mantidos juntos como se ela estivesse costurando.(...)

A paciente morreu a cerca de dois anos e tentei investigar como ela era no começo da doença.(...)

No enterro, apareceu um irmão de setenta anos e eu lhe indaguei a respeito da causa da doença de sua Irmã. Ele respondeu que ela havia se apaixonado e que, por diversas razões, o namoro se desfez. Isso abalou de tal modo o coração da moça que ela entrou num estado de profunda melancolia. Quem era o amado? Um *sapateiro*. (JUNG, 2011 § 358)

A ação realizada pela paciente era resultado das representações inconscientes que ela possuía em relação ao homem pelo qual se apaixonou. De modo análogo, um rapaz procura a psicoterapia por realizar diversas ações repetitivas características do TOC, tais como: ligar e desligar luzes; verificar se desligou o gás; conferir e fechar a porta. Seus pensamentos intrusivos consistiam

em: medo de que um acidente, morte ou violência pudesse acontecer com sua família; medo de sofrer um acidente e ficar inválido; medo do castigo de Deus por causa dos pensamentos que possui.

A presença destas representações mentais era-lhe tão penosa que ele buscava neutralizar estes pensamentos falando em voz alta o contrário do que lhe amedrontava, acompanhado de batidas com os pés no chão onde um pé deveria se igualar o outro com a mesma intensidade e sonoridade, o que fazia com que esse ritual fosse repetido inúmeras vezes, frente à dificuldade de se obter a condição considerada ideal do ritual.

No decorrer dos atendimentos, verificou-se que o cliente se sentia “culpado” pelos pensamentos que possuía, demonstrando dificuldades em mostrar o desagrado perante seus pais, como se não pudesse ter raiva quando sofria algum tipo de punição.

Assim como Sísifo teve que seguir as punições impostas por Zeus, este rapaz acreditava que era preciso seguir as determinações familiares sem contestação, ainda que as advertências fossem consideradas incoerentes ou injustas. Temia que Deus lhe castigasse sempre que pensasse algo ruim em relação a sua família.

Apesar disso, sentia-se desvalorizado pelos pais, afirmando faltar-lhe privacidade, pois não tinha fechadura na porta de seu quarto e, algumas vezes, foi obrigado a tomar banho com a porta apenas encostada.

Dentre os rituais, o de fechar a porta era considerado o de mais difícil superação, o que pode indicar a tentativa inconsciente de respeito a sua própria privacidade. Era preciso ter o seu lugar enquanto sujeito no mundo sem apenas obedecer a ordens vistas como inquestionáveis.

Ao persistir nos atendimentos, foi possível analisar que tipo de “portas” precisavam ser fechadas em sua vida, a fim de que seus interesses pessoais fossem respeitados e preservada a sua individualidade enquanto sujeito.

No decorrer dos atendimentos, os rituais fizeram-se presentes na relação transferencial com sua carga afetiva que tanto lhe causava sofrimento. Contudo, era possível perceber suas conquistas e valorização pessoal em confronto com o sentimento de autopunição.

Assim, encontrou apoio perante o peso que se sentia obrigado a carregar sozinho e foi-se libertando dos rituais gradativamente e à medida que conseguiu conquistar sua independência. Sob este aspecto, Brandão (1996, p.227) esclarece

que o encontro com Tântatos no mundo subterrâneo pode também ser libertador de sofrimentos e preocupações: “a Morte não é um fim em si; ela pode nos abrir as portas para o reino do espírito, para a vida verdadeira.”

Quando o indivíduo consegue integrar conteúdos psíquicos de natureza inconsciente que lhe sobrepõem, o ego se reestrutura e torna-se possível uma melhor adaptação à coletividade.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega**. Volume I. Petrópolis: Vozes: 1986.

CID-10. Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. **Transtornos mentais e comportamentais**. Organização Mundial de Saúde - OMS, Genebra, Suíça: 2008. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/cid10.htm>>. Acesso em 26 de Mar 2017.

JUNG, C. G. O conteúdo da psicose. In:\_\_\_\_\_ **Psicogênese das doenças mentais**. Obras completas de C.G. Jung. Volume 3. Tradução de Márcia Sá Cavalcanti. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p.178-199

---

Karina da Costa Ocanha Lopes

Palestrante, funcionária pública, psicóloga clínica e escolar (UNESA)

Especialista em Psicologia Junguiana (Uni-IBMR)

E-mail: karina.ocanha@gmail.com